

O VINHO NA OBRA D'EÇA DE QUEIROZ: A CRIAÇÃO DE UM ESPAÇO EUROPEU DO "SAVOIR-VIVRE" ENTRE A CIDADE DAS LUZES E AS SERRAS DE PORTUGAL

Ana Maria BINET
Université Bordeaux Montaigne
Ana-Maria.Binet@u-bordeaux-montaigne.fr

Resumo

Eça de Queiroz, personagem maior do nosso panorama literário português, era uma personalidade fundamentalmente cosmopolita, que colocava o seu país natal num lugar à parte, entre uma ruralidade "saudável" e uma tentativa, muitas vezes lograda, de se elevar ao nível da Europa "civilizada". O conceito de "savoir-vivre", na época "evidentemente" francês, era para ele um marco a alcançar, assim como um instrumento de civilização. O vinho, produto desenhando um território civilizacional milenário, não podia deixar de ser um elemento central dessa arte do "savoir-vivre" ocidental. Reflete ele, na obra d'Eça de Queiroz, as qualidades (e por vezes os defeitos) intrínsecas de cada sociedade, servindo de ponto de comparação permitindo caracterizar domínios culturais ultrapassando as fronteiras políticas.

Os romances d'Eça de Queiroz, como o sobremaneira conhecido *As Cidades e as Serras*, apresentam numerosos exemplos do que afirmamos, e são esses exemplos que nos propomos estudar nessa perspectiva guiada por um conceito de "savoir-vivre" que participa na criação de um espaço cultural europeu.

Palavras-chave : cosmopolitismo, civilização, vinho, "arte de bem viver", espaço cultural

Resumé

Eça de Queiroz, auteur majeur du panorama littéraire portugais, était une personnalité fondamentalement cosmopolite, qui plaçait son pays natal dans une place à part, entre une ruralité qu'il pensait « saine » et une tentative, à plusieurs reprises ratée, de s'élever au niveau de l'Europe « civilisée ». Le concept de savoir-vivre, à l'époque « évidemment » français, était pour lui un objectif à atteindre, tout comme un instrument de civilisation. Le vin, produit dessinant un territoire civilisationnel millénaire, ne pouvait pas ne pas être un élément central dans cet art du savoir-vivre occidental. Il reflète, au sein de l'oeuvre d'Eça de Queiroz, les qualités (et parfois les défauts) inhérents à chaque société, permettant des comparaisons servant à caractériser des domaines culturels dépassant les frontières politiques.

Les romans d'Eça de Queiroz, comme *A Cidade e as Serras*, connu de tous, présentent de nombreux exemples de ce que nous affirmons ici, et ce sont ces exemples que nous nous proposons d'analyser dans cette perspective guidée par un concept de savoir-vivre qui participe à la création d'un espace culturel européen.

Mots-clé : cosmopolitisme, civilisation, vin, savoir-vivre, espace culturel.

« *Enivrez-vous sans cesse
De vin, de poésie, de vertu, à votre guise.* »
Charles Baudelaire

1. Introdução

Uma das riquezas, económica, mas também cultural de Portugal, é o vinho, produto de uma grande diversidade, e um dos elementos constitutivos da imagem do país. O vinho é parte do nosso quotidiano, mas sobretudo das circunstâncias festivas que marcam a nossa existência. Além desse papel, por si só suficientemente importante, o vinho, sobretudo o tinto, tem vindo a ser considerado pelo corpo médico, e em quantidades razoáveis, bem entendido, como um ótimo preventivo contra as doenças ligadas a uma má circulação do sangue e contra o colesterol e, a partir de uma certa idade, contra a doença de Alzheimer. Desde sempre fanáticos de vinho e outras substâncias alcoólicas, os Gauleses acham aí uma relativa justificação para o seu amor imoderado por esse néctar divino. Chegaram mesmo a servir-se dele para dominar os «bárbaros», como sabem todos aqueles que leram as aventuras de Asterix. O facto é que os povos entre os quais a vinha foi desde sempre cultivada nos parecem possuir uma «arte de bem viver» superior à dos povos que não cultivam tradicionalmente a vinha. Disso posso testemunhar, vinda da nobre cidade de Bordéus na qual as propriedades onde cresce a vinha merecem quase sempre o título de *château*! Estamos aqui perante uma verdadeira encenação de elementos puramente culturais que tendem a criar uma imagem «fabricada» de um produto que aparece contudo estrategicamente como o mais natural possível. Tradição e modernidade, solenidade e simplicidade marcam assim a cultura da vinha, o seu território secular.

2. Identidade

Essas características paradoxais aparecem naturalmente na obra d'Eça de Queiroz, e singularmente no seu último romance, *A Cidade e as Serras*, que se destaca do conjunto dos romances queirozianos pelo papel específico que o vinho tem no interior da economia do romance: com efeito, o vinho é aqui um elemento fundamental da demonstração, por vezes extremamente caricatural, da superioridade da vida no campo sobre a vida numa grande metrópole. O vinho torna-se mesmo o símbolo da regeneração de Jacinto, o qual, na primeira parte do romance, que se passa em Paris, Cidade das Luzes, é um "tremendo bebedor de água"¹, considerando com um ar melancólico «um filete de veado, macerado em Xerez»² ou «um biscoito molhado em vinho de

¹ Eça de Queirós, *A Cidade e as Serras*, Lisboa, Livros do Brasil, [s. d.], p. 34.

² *Idem*.

Tokai»³, que pretende oferecer a Madame d'Orjol. Até o Grão-Duque Casimiro acha que «os Borgonhas são tão maus»... No entanto, "Sua Alteza [...] esvaziou poderosamente dois copos de Chateau –Lagrange⁴. [...] E os escudeiros serviram o "Barão de Pauillac", cordeiro das lezírias marinhas, que, preparado com ritos quase sagrados, toma este grande nome sonoro e entra no Nobiliário de França".⁵ Notemos a relação direta entre o conhecimento, da parte do autor, e, portanto, da personagem que ele inspira no romance, dos vinhos e o da gastronomia franceses⁶. Aliás, Zé Fernandes, voltando a Paris, regala-se com os vinhos franceses, que parecem provocar nele uma forma de entusiasmo místico:

*Antes do Borgonha, uma garrafa de Champagne, com muito gelo, e um grande copo!... Creio que aquele Champagne se engarrafara no Céu onde corre perenemente a fresca fonte da Consolação, e que na garrafa bendita que me coube penetrara, antes de arrolhada, um jorro largo dessa fonte inefável. Jesus! Que transcendente regalo, o daquele nobre copo, embaciado, nevado, a espumar, a picar, num brilho de ouro! E depois, garrafa de Borgonha! E depois, garrafa de Conhaque!*⁷

Claro que a variedade dos vinhos, o caráter cosmopolita do seu consumo⁸, mas também a sensualidade que o acompanha são evidentes, mas o que nos parece especialmente interessante neste excerto é a relação do vinho com a transcendência, como se Deus tivesse criado a vinha para que o seu fruto pudesse constituir uma forma de «consolação» para o ser humano.

O *spleen* de Jacinto sendo talvez contagioso, Zé Fernandes parte para um *tour* da Europa «tristonho», esperando, diz ele, que «o copeiro metrouxesse a garrafa de Bordéus que eu provava e repelia com desditosa carantonha»⁹.

Mas em Tormes, o vinho, desta vez bem português, vai-se transformar em elemento regenerador, em elixir capaz de transmitir uma força vital, de que Jacinto se encontrava completamente desprovido em Paris. Até os copos participam dessa força, como se o vinho neles contido durante várias gerações lha tivesse transmitido: «Os copos, de um vidro espesso,

³ *Ibidem*, p. 47.

⁴ Diga-se em abono do rigor vinícola que o Château Lagrange é um grande vinho cuja denominação é Saint-Julien, portanto da região de Bordéus...

⁵ *Ibidem*, p. 68.

⁶ É de sublinhar a variedade de vinhos franceses que é citada neste romance de Eça : dos champagnes de várias marcas, aos vinhos de Borgonha e, sobretudo, da região de Bordéus, passando pelos diferentes Sauternes (Château Yquem, o maior, mas também Barsac, por exemplo), os Médoc, a paleta é vasta, testemunhando do conhecimento que o autor tinha do vinho francês em geral.

⁷ *Ibidem*, p.77.

⁸ Como bebida de fama internacional que era já, o vinho do Porto aparece também na bem conhecida cena do jantar dado em honra do Grão-Duque Casimiro , como no passo que a seguir citamos, em que são subentendidas as falsificações da grande bebida nacional : "Este Porto de 1834, aqui em casa de Jacinto, deve ser autêntico...hem?" (*Ibidem*, p. 64).

⁹ *Ibidem*, p.101.

conservavam a sombra roxa do vinho que neles passara em fartos anos de fartas vindimas»¹⁰. O vinho de Tormes é o sangue dessa terra pátria da qual Jacinto se afastara, perdendo a força vital que só ela lhe podia transmitir:

Mas nada o entusiasmava como o vinho de Tormes, caindo do alto, da bojuda infusa verde – um vinho fresco, esperto, seivoso, e tendo mais alma, entrando mais na alma, que muito poema ou livro santo. Mirando, à vela do sebo, o copo grosso que ele orlava de leve espuma rósea, o meu Príncipe, com um resplendor de optimismo na face, citou Virgílio :

*- Quo te carmina dicam, Rethica? Quem dignamente te cantará, vinho amável destas serras?*¹¹

O vinho português possui assim uma vitalidade sagrada que o distingue do “desconsolado néctar” das terras do Médoc, de que falaremos mais adiante, participando de uma identidade portuguesa que o narrador caracteriza pelo seu vigor, a sua proximidade da natureza, a sua força vital. Elemento identitário essencial, o vinho, verde de preferência, aparece com efeito na obra queiroziana como um sinal indicador das raízes profundas que um indivíduo ou uma família possuem na terra portuguesa¹². O vinho português de velha casta é um marcador da legitimidade social, como os quadros e móveis antigos, participando de um ritual secular, que nos vem das nossas origens latinas, e da implantação, com os pés de vinha, de uma civilização ligada justamente a uma «arte de bem viver», perante a qual o homem do norte da Europa se inclina:

Bucelas? – murmurou-lhe sobre o ombro o escudeiro.

O administrador ergueu o copo, depois de cheio, admirou-lhe à luz a cor rica, provou-o com a ponta do lábio, e piscando o olho para Afonso :

- É do nosso!

- Do velho – disse Afonso. Pergunte ao Brown...Hem, Brown, um bom néctar?

- Magnificante! – exclamou o preceptor com uma energia fogosa.

Então Carlos, estendendo o braço por cima da mesa, reclamou também

*Bucelas. E a sua razão era haver festa por ter chegado o Vilaça. O avô não consentiu : o menino teria o seu cálice de Colares, como de costume, e um só*¹³.

¹⁰ *Ibidem*, p. 142.

¹¹ *Ibidem*, p. 148.

¹² V. por exemplo Eça de Queirós, *A Ilustre Casa de Ramires*, Porto, Livraria Chardron, Lello & Irmão, 1917, p. 81: «a mesa - onde dominavam, com os seus ricos labores, duas altas enfusas de crystal antigo, uma cheia de açucenas e a outra de vinho verde (...)», excerto onde é bem visível que, no âmbito da sala de jantar da Torre, onde abundam os objetos que indicam a antiguidade e lustre familiares, o vinho verde, numa “enfusa de cristal”, ganha foros de fidalguia!»

¹³ Eça de Queiroz, *Os Maias*, Lisboa, Livros do Brasil, [s.d.], p.61.

É verdade que a nossa cultura meridional é baseada no pão, no vinho, no azeite, e que o vinho está ligado à convivialidade, que é um elemento central na sociedade portuguesa. Tradicionalmente, o vinho está relacionado com a força, que outrora se tentava, por exemplo, fazer recuperar às parturientes, a quem se dava um copo de vinho, sem falar já da ideia de que este aumentava a lactação. Também as crianças bebiam regularmente vinho no século XIX, e mesmo mais tarde, facto a que Eça se refere em *As Farpas*¹⁴.

3. Arte de bem viver

Mas como definir, a propósito do vinho, «a arte de bem viver» (*savoir vivre*)? Na nossa opinião, a definição será dupla: num sentido literal, o «saber viver» é a arte de bem dirigir a vida, de gerir de forma sensata as oportunidades que esta oferece, mas também, no sentido figurado, a arte de se comportar em sociedade segundo um certo número de códigos estabelecidos de longa data e transmitidos geralmente dentro do contexto familiar.

Eça de Queiroz, diplomata e necessariamente cosmopolita, é um dos grandes nomes da literatura portuguesa a deixar transparecer na sua obra uma experiência inegável de um «savoir vivre» europeu. Os exemplos, inevitavelmente fragmentários, das referências ao vinho, e ao ato de beber em sociedade, testemunham de um conhecimento indubitável dos vinhos mais em voga na sua época. Na sua *Correspondência*¹⁵, podemos ler uma carta a António Nobre em que a referência a um vinho francês é particularmente interessante:

*Se eu o desejava ver, era justamente para lhe repetir quanto o estimo,
e para bebermos juntos um pouco de Médoc, que é o desconsolado
néctar destes tempos.*

A metáfora «desconsolado néctar destes tempos» para se referir ao vinho do Médoc, atualmente um dos mais famosos vinhos do mundo, testemunha, primeiramente, do conhecimento que Eça tinha dos vinhos franceses, mas também do facto que se tratava de um vinho, o «Médoc» que era já apreciado na época dele, e, finalmente, que, para um Português, habituado, apesar do seu cosmopolitismo, a beber vinhos mais «encorpados», o vinho do Médoc, região próxima de Bordéus, de uma complexidade gustativa incontestável, mas leve e relativamente pouco alcoolizado, passava por «desconsolado».

O champagne aparece igualmente amiúde na obra d'Eça, em França, claro, mas também nos meios afrancesados lisboetas. Ligado aos ambientes festivos, à frivolidade mundana, à tentativa de

¹⁴ Eça de Queiroz e Ramalho Ortigão, *As Farpas*, Lisboa, Principia, 2004, p. 204.

¹⁵ Eça de Queiroz, *Correspondência*, 2008, pp. 253, 254.

sedução de mulheres de costumes ligeiros¹⁶, o seu consumo testemunha, na época, de um nível de vida bem superior ao do comum dos mortais portugueses.

As referências aos vinhos portugueses são muito numerosas na obra de Eça, desde o Alvaralhão (em *A Ilustre Casa de Ramires*, aquando de uma refeição na Taberna do Gago, em que Gonçalo «esvasiou uma caneca vidrada de Alvaralhão» – a «caneca vidrada» indicando evidentemente a rusticidade do sítio onde se passa o almoço, e, eventualmente do vinho)¹⁷, passando pelo «vinho verde de Amarante, de *Vidainhos*» (toponímia aparentemente fictícia) que o mesmo Gonçalo bebe com o Padre Soeiro¹⁸, até às inúmeras referências ao vinho do Porto.

No mesmo romance, Gonçalo declara que «o vinho é uma dádiva amável de Deus», sublinhando o prazer do consumo do vinho, consumo moderado e sem culpabilidade, pela razão fundamental de que é um dom de Deus. Aliás, no mesmo romance, o excerto seguinte explora, a propósito do vinho, o campo lexical do religioso :

- *Oh Cavalleiro ! eu tenho empenho em que você prove esse vinho com cuidado...É da minha propriedade do Corvello...Faço muito gosto n'elle. Mas prove com atenção!*
S. Ex.a provou com devoção, como se comungasse. E com uma cortezia compenetrada para Barrôlo que reluzia de gosto :
- *Uma delícia ! uma verdadeira delícia !*
- *Hein ? Não é verdade ? Eu, para mim, prefiro este vinho do Corvello a todos os vinhos francezes, os mais finos...Até alli o nosso amigo Padre Soeiro, que é um Santo, o aprecia!*¹⁹

Segundo vários autores, como Feliciano Ramos, «Eça de Queirós parece ter apreciado bastante os prazeres da mesa»²⁰. Em todo o caso, as suas personagens são geralmente sensíveis à qualidade das iguarias que lhes são oferecidas, inclusive o vinho.

Nos romances d'Eça, como nas nossas sociedades, é evidente que o vinho possui um poder de discriminação, através da qualidade do produto consumido, mas também do respeito das regras que devem presidir a esse consumo, do ritual que nos indica o grau de civilização da sociedade em que se insere. Já na Antiguidade grega assim era, os povos Bárbaros reconhecendo-se também pela maneira totalmente «desregrada» como bebem. O vinho é, pois, um «marcador» social, que revela a origem dos que o bebem. Para fazer parte de uma certa elite, torna-se necessário integrar na prática do ato de beber vinho uma série de regras e de gestos, por vezes complicados, cujo domínio

¹⁶ Eça de Queiroz, *Os Maias*, op. cit., p.150 : «A rolha estalou, ele encheu os copos em silêncio; e numa saúde muda os dois amigos beberam o champagne – que Jacob arranjara ao Ega, para o Ega se regalar com Raquel».

¹⁷ Eça de Queiroz, *A Ilustre Casa de Ramires*, op. cit.

¹⁸ *Ibidem*, p. 128.

¹⁹ *Ibidem*, p. 259.

²⁰ Feliciano Ramos, *Eça de Queirós e os seus últimos valores*, Lisboa, Ocidente, 1945, p. 130.

representa uma forma de «saber de experiência feito». «Diz-me o que bebes, como bebes, como sabes falar da dita bebida, e dir-te-ei quem és», poderia ser a fórmula resumindo este aspeto social da questão. A origem aristocrática dos rituais ligados ao vinho permanece viva, e tem um forte poder de atração nas outras camadas sociais.

4. Conclusão

Uma das questões que se põe a todos aqueles que se interessam pelo vinho enquanto objeto de estudo, e não apenas de prazer, é a de saber se poderemos ou não falar de uma «civilização do vinho». O conceito é contestável, mas não pode deixar de ser tomado em consideração. Pessoalmente, tendemos para considerar que é possível falar de uma cultura própria às regiões do mundo onde a vinha foi plantada, uma cultura constituída por elementos materiais (geográficos, económicos, sociológicos), mas também por grande número de representações em que o imaginário tem um papel preponderante.

O vinho representa, entre outros, a vitória do Homem sobre a Natureza. O seu valor simbólico, a sua complexidade polissémica explica a sua utilização como motivo literário recorrente. Mesmo os enólogos utilizam as metáforas literárias para definir um vinho...

Do símbolo ao mito, do mito à poesia, o vinho atravessa assim o território do imaginário, fecundando-o graças à alquimia dos sentidos e da imaginação. Do ritual da prova ao do sagrado, o vinho reúne os atores de uma tentativa comum para penetrar o mistério da substância, material e espiritual. A busca de todos estes elementos, de toda esta riqueza, na literatura e na arte de diferentes países da Europa, deveria assim permitir-nos fazer surgir uma «poética europeia do vinho», que traçaria as vias da criação literária e artística nas suas manifestações concretas, na sua *poiesis*.

5. Referências Bibliográficas

- QUEIRÓZ, Eça de (1917). *A Ilustre Casa de Ramires*. Porto: Livraria Chardron, Lello & Irmão.
- QUEIRÓZ, Eça de [s.d.] *Os Maias*. Lisboa: Livros do Brasil.
- QUEIRÓZ, Eça de [s.d.] *A Cidade e as Serras*. Lisboa: Livros do Brasil.
- QUEIRÓZ, Eça de (2008). *Correspondência*. Lisboa: Caminho.
- QUEIRÓZ, Eça de, ORTIGÃO, Ramalho (2004). *As Farpas*. Lisboa: Principia.
- RAMOS, Feliciano (1945). *Eça de Queirós e os seus últimos valores*. Lisboa: Ocidente.